



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os festejos nas rodas de samba, elementos socializadores entre grupos étnicos. Particularmente em Madureira e Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro.

Cristina da Conceição Silva
Cristinavento24@yhoo.com.br
Mestranda Unigranrio

Introdução

Eu nasci em um ambiente familiar onde todas as comemorações aconteciam na frente de casa, no nosso quintal onde o samba, comida, bebida, parentes e vizinhos se faziam presentes.

Meu gosto pelo samba foi se aprimorando ao passar dos anos, à medida que fui estreitando relações com músicos como Davi Correa, Ari do Cavaco e Velha Guarda da Portela. Este grupo apresentava uma forma muito semelhante aos entretenimentos de minha família, no que se refere aos festejos nos quintais.

Com base em minha vivência passei a investigar através do curso de pós graduação em Diversidade Étnica na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e do Curso de Mestrado da UNIGRANRIO em Letras e Ciências Humanas a relação do negro da Cidade do Rio de Janeiro com a música, com a dança, com a religiosidade e festejos e a união destes com negros oriundos de outros espaços geográficos, que em função da abolição da escravatura e reforma urbana, seguiram a malha ferroviária em busca de moradia no sertão carioca, especificamente nesta investigação, nos bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. Na graduação não tive oportunidade de ser orientada com um tema desta natureza, logo esta investigação vem de encontro com meu interesse pessoal, além de cooperar com a proposta da legislação vigente que ampara estudos desta natureza.

Então, esta pesquisa visou articular dois grandes objetivos: o primeiro, investigar aspectos da cultura negra que dizem respeito à minha própria vida, às minhas relações sociais, familiares, como parte importante da minha formação humana; depois, responder às demandas por documentos que tratem das contribuições dos negros na formação social, cultural e econômica do Brasil. Desta forma esperamos contribuir com os esforços empreendidos a partir da lei 10.639/03 principalmente no tocante à



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

formação de professores para atuar na sala de aula com história e práticas culturais afro-brasileiras.

Referências Teórico-Methodológicas.

Para o desenvolvimento deste projeto, se fez necessário à busca de uma fundamentação teórica em livros, artigos acadêmicos, internet, bibliotecas universitárias, para assinalar a pesquisa como de cunho qualitativo, além de entrevistas com os donos, parentes e amigos dos quintais ligados à prática dos festejos com rodas de samba em Madureira e Oswaldo Cruz.

Assim sendo para os escritos desta pesquisa, contei com as contribuições de Karasch (2000), Florentino (2005), e Aslaner (2000), que descrevem as práticas dos negros na Cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, com relação à música e ao trabalho, que aconteciam concomitantemente, sendo reforçado pelas pinturas de Debret. Benchimol (1953) e Florentino (2005) descrevem a comercialização dos negros nos espaços determinados para negociação na Cidade do Rio de Janeiro.

Rocha (1986) descreve os motivos para a remodelação da cidade carioca e os deslocamentos da população negra e afra brasileira para alguns espaços da cidade, dentre eles os espaços que seguiam a malha ferroviária. Arantes (2005) e Velloso (1989) descrevem o processo de socialização e trocas simbólicas entre negros e brancos na área urbana. Gerson (1965), Silva (1986) e Santos (1986), descrevem características iniciais da geografia dos bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. Suas atividades de cunho rural, sociais e econômicas, e a formação dos mesmos.

A partir Araújo (1991), Costa (2000), Silva (1986), Santos (1986) e Vargens (2008), é possível verificar a forma de convivência social estabelecida por estes negros e da formação das agremiações: Portela e Império Serrano, que tiveram seus nascimentos nos quintais de Madureira e Oswaldo Cruz. É importante ressaltar que os quintais a serem investigados nesta investigação prioritariamente serão dos componentes do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, todavia, não podemos fechar os olhos às contribuições dados a formação cultural dos bairros por personagens pertencentes à família de Tia Eulália, que deram origem ao Império Serrano e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

difundiram a dança do jongo no bairro de Madureira. Que até os dias atuais se faz conhecida em apresentações em shows públicos e teatros com o Jongo da Serrinha.

Boy (2006) descreve a formação social e cultural dos negros de Madureira, especificamente na Serrinha. Theodoro, Jupiara e Valença (2005) descrevem as relações religiosas do samba na cidade do Rio .

Em um segundo momento desta investigação, lancei mão de entrevistas semi-estruturadas, para tais atividades se fez necessário a utilização de câmeras para fotos, filmagens e anotações dos relatos dos integrantes da Portela, parentes e amigos dos anfitriões dos quintais que marcaram e que ainda marcam presença no cenário das rodas de samba de Oswaldo Cruz e Madureira que são: Dona Neném, filha de Dona Ana e esposa do falecido compositor Manacéia; Áurea Maria, neta de Dona Ana e filha do casal Manacéia e Neném ; Zilmar Mendonça, Filha do ex-presidente da Portela, João Calça Curta; Tia Surica, Pastora da Velha Guarda Show da Portela; e Irani, amiga do Compositor Argemiro do Patrocínio, também integrante da Velha Guarda.

As questões principais desta investigação foram relacionadas aos festejos destes quintais, de como começaram, quem participava das comemorações, as músicas, iguarias e bebidas servidas no momento dos festejos.

Assim sendo, realizei entrevistas com perguntas simples, cujas investigações tiveram como foco o início dos festejos, fatos marcantes, frequentadores, as comidas e bebidas que se consumiam nos quintais investigados.

A partir das narrativas dos entrevistados obtive dados que também contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

A narrativa não carece de explicação, pois ela disponibiliza as maneiras de pensar de tais práticas, sendo seu modelo. Ou seja, ela, a narrativa, diz o que faz. Encarna as formas de pensar sobre as práticas cotidianas, sendo ela mesma, já uma prática. Neste sentido, os relatos, as narrativas, as artes de dizer têm sido importantíssimos para mediar nossas relações de estudo e de pesquisa. (FILÉ, 2006, p-30).

Neste sentido esta investigação se justifica não só para o interesse pelo tema da investigadora, mais também para apontar para aqueles que tiverem acesso ao projeto de pesquisa, uma possível mudança nas práticas pedagógicas que vise a direção de uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

educação interétnica, intercultural, compreendendo que isso somente pode ser possível se alimentarmos o espaço acadêmico e a sala de aula de conhecimentos que coloquem em evidência as contribuições dadas por aqueles que se encontram em desigualdade, invisibilizados. Se o negro tem sido tratado como “coisa”, contar suas histórias e mostrar suas contribuições como sujeito imprescindível no processo de constituição cultural do Rio de Janeiro e do Brasil nos permitirá dar sentido ao que preconiza a lei 10.639/03. A isso se dedica esta investigação.

Precisa o Brasil, país multi-étnico e pluri-cultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes sejam garantidos o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmo, ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, idéias e comportamentos que lhes são adversos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p-80).

Todavia busquei sistematizar uma investigação que mostrasse a participação do negro na cultura carioca, apontando e fornecendo dados que explicitam os caminhos percorridos após abolição da escravatura, onde ele através de sua arte e do entretenimento buscou minimizar o sofrimento e disponibilizaram exemplos de relações inter-raciais e interculturais através do samba.

O neguinho gostou da filha da madame/
Que nos tratamos de sinhá/
Senhorita também gostou do neguinho/
Mas o Neguinho não tem dinheiro pra
gastar/
A madame tem preconceito de cor/
Não pôde evitar esse amor/
Senhorita foi morar lá na colina/
Com o neguinho que é compósito.../
Senhorita ficou com nome na história/
E agora é a rainha da escola/
Gostou do samba, hoje vive muito bem/
Ela devia nascer pobre também.
(Samba: O Neguinho e a senhorita; Autor:
Noite Ilustrada).

Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 19/05/2004
Resolução Nº 1, de 17 de julho de 2004, do Ministério da Educação (2009; p-88-89):

“- O ensino afrobrasileiro poderá ser
feito de diversas formas, sendo por



atividades curriculares ou não: se explicitem, busquem compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, as diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana;

- Promovam-se oportunidades de diálogo pondo em que se conheçam, se ponham em comunicação os diferentes simbolismos e estruturas conceituais, além da construção de projetos de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor e defender a sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos os façam;
- Sejam incentivadas atividades em que pessoas-estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino - de diferentes culturas interatuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínio e pensamentos de cada um.”(MINISTRO EDSON SANTOS DE SOUZA, 2009. p-88-89

A cultura samba e canção

Conforme descreve Karasch (2000), a cultura escrava se desenvolveu no Rio na primeira metade do século XIX, o que ele denomina como Samba e canção. A cultura escrava afrocarioca, que implica na linguagem, etiqueta, comida, vestimenta, arte, recreação, religião etc, contribuiu e continua a dar forma ao jeito carioca de ser até os dias de hoje. No que se refere ao canto, os escravos do Rio sempre que trabalhavam, seja em casas ou como carregadores e demais atividades na rua, estavam cantando em sua língua natal, quando não cantavam em grupo. Quando em grupo, tinha um que apresentava características do cantor principal, e os demais o acompanhavam, com um tipo de refrão, o que era acompanhado por palmas e algumas vezes por instrumentos.

De acordo com o Karasch, a chegada de D. João VI ao Rio, foi marcada por 12 negros que o carregavam na cadeirinha e cantavam assim:

Nosso sinhô chego,

Cativeiro já acabo.

De acordo com Rocha (1986), ampliação da cidade para outros espaços geográficos, os investimentos para a construção de vias férreas, dentre elas a do subúrbio da Central, o término da campanha de canudos e a migração dos baianos (que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

provavelmente vieram ao Rio para receber seus vencimentos atrasados, por participação na campanha e o marco da abolição dos escravos), foram acontecimentos que marcaram o período que compreende dos anos 70 ao final dos 90 do século XIX, que provocaram um crescimento desordenado nas áreas próximas ao centro da cidade.

O autor relata que as discussões entre políticos e investidores acerca de uma nova roupagem para a cidade, aconteciam com muito fervor nas décadas finais do século XIX, e no início do século XX. É quando ocorrem às demolições da cidade e as antigas edificações dão espaço a avenidas largas, lojas e prédios luxuosos e que com isso quase vinte mil pessoas tiveram que procurar novas moradias.

Tendo em vista a política de remodelização da cidade, e o título a ela conferida, por Coelho Neto (Cidade Maravilhosa) podemos perceber que a população composta por pobres e ex-escravos, não combinava com o glamour do Rio de Janeiro do início do século XX, logo caberia a estas pessoas, se deslocarem para a área que compreende a Gamboa, Saúde, São Carlos, Praça Onze e, através da via férrea, para os espaços geográficos denominados Sertão Carioca.

As redes de socialização nos espaços ocupados em torno da cidade

Segundo Arantes(2005) os espaços no entorno da nova cidade, ocupados por negros, aos poucos foi recebendo outras etnias. O ganha-pão desta população passa a ser o trabalho do Cais do Porto, e daí a força da socialização entre os negros foi marcante, e com o tempo suas maneiras, gostos, etc. Adquirem ações e novos significados através do contato com outros sujeitos

Arantes (2005) mostra que alguns espaços de rede de solidariedade eram reconhecidos pelo branco que é o caso de Tia Ciata (promotora de festejos em seu quintal e quituteira por profissão)que curou a perna do Presidente da República Venceslau Brás com ervas e rezas, que através deste feito adquiriu certas garantias de manter seus tradicionais encontros entre negros em seu quintal, garantias estas que também tinha a Casa de Santo de Cipriano Abedé, que foi procurado pelo Senador Irineu Machado para avaliar sua eleição, com trabalhos religiosos. Além de João da Baiana, que era Ogã e cabo eleitoral político no movimento do cais do Porto, que foi preso por vadiagem e teve seu pandeiro furado. O Senador Pinheiro Machado lhe deu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

outro pandeiro e autografou o instrumento, para não que fosse mais incomodado e assim se davam os movimentos de relacionamento entre brancos e negros.

A ocupação afro brasileira no Sertão- Carioca

Gerson(1965)descreve que no início do século XX, a economia dos bairros de Oswaldo Cruz e Madureira, entra em declínio e o advento da estrada de ferro trouxe para a região pessoas de baixa renda, sobretudo negros, que foram ocupando as terras dos antigos engenhos. As ruas eram de barro e, saneamento e iluminação não existiam, as moradias eram precárias e algumas pessoas se locomoviam a cavalo.

Com toda esta problemática, ainda assim esta área geográfica continuava crescendo e muitos negros fugidos e perseguidos, vieram para estes bairros com sua música, sua dança, sua religião e um jeito diferente de enfrentar a dor, através da arte. Vieram para a “roça” ou “Sertão Carioca”, negros estes, muitos vindos de Minas Gerais e do interior do Estado do Rio de Janeiro.

No que diz respeito à chamada contribuição africana à cultura brasileira, temos que levar em conta o fato de que ela foi considerada como tal depois da Abolição da Escravatura e a partir de trabalhos publicados por Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Gilberto Freyre (COSTA, 2000, p - 11).

Baseado nos escritos de Silva & Santos (1989), muito importante para a história dos bairros foi a chegada de uma senhora conhecida como Dona Esther uma mulher branca, casada com o senhor Euzébio, um negro que andava pelo bairro montado em seu cavalo Faísca. Ela também assume a liderança religiosa de um determinado grupo que frequentava a sua casa. Eram estes pertencentes às massas populares e também às altas classes. Nos fundos do quintal de Dona Esther havia uma palhoça coberta de sapê onde aconteciam às reuniões, com danças e cantos, e neste espaço, homens e mulheres se organizavam de lados diferentes para darem início à roda de samba, lá pelas altas horas. Dona Esther fundou o Bloco Quem Fala de Nós Come Mosca, que deu origem a outros blocos em Oswaldo Cruz ,que no futuro veio ser conhecido como Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. Araújo (1991) conta que em 1947 nasce em Madureira o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, no quintal de Tia



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Eulália, no alto do Morro da Serrinha. Seu pai, Francisco Zacarias, era o organizador dos blocos ‘Prazeres da Serrinha’ (na Serrinha) e no centro da Cidade, o mesmo desfilava com o nome de ‘Os Dois Jacarés’. Seu Francisco era um homem de muita influência junto ao Ministro Edgar Romero, sua casa vivia repleta de músicos e lá aconteciam pastoris, gafeiras, serestas, rodas de samba e reuniões religiosas e que tudo isso atraiu pessoas de outras classes sociais que viviam do outro lado da cidade para a Serrinha. Tia Eulália, no momento da fundação do Império, já era casada com o senhor José Nascimento, um empregado do Cais do Porto, que era praticante do jongo, no dia de seu aniversário Seu José assistia uma missa da Igreja de São José, após a missa seguia para casa, dando início aos preparos das iguarias para o festejo de seu aniversário, as altas horas da noite o chão de seu quintal estava coberto de flores por conta da dança dos jongueiros.

Samba e festejos religiosos

Nos Trens

De acordo com artigo de Cláudio Vieira, nas décadas de 30 e 40, o samba segue na direção dos trilhos, invadindo os subúrbios do Rio de Janeiro. As composições antigas da Central do Brasil com seus atrasos irritam os passageiros. Menos os passageiros do trem das seis e quatro (18h04m). Este grupo cotidianamente, ao saírem do trabalho, tinha encontro com o samba. A demora para o retorno para casa não incomodava. Era oportunidade para encontrar compositores das escolas de samba que se espalhavam ao longo da ferrovia. O batuque começava na estação Francisco Sá, junto à Praça da Bandeira, e só terminava na Pavuna. A marmita servia para o tamborilar mais leve, enquanto os surdos de marcação eram improvisados nos bancos.

Na quermesse

De acordo com Theodoro, Jupiara e Valença (2005) o samba e a religião durante tempos foram elementos inseparáveis, elementos estes que mostram com ambos andaram de mãos dadas, exemplo disto foi o calendário religioso da Festa da Penha no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

subúrbio do Rio de Janeiro, local de reunião no mês de outubro, onde os sambistas populares se reuniam para divulgar suas obras musicais. No período dos festejos em homenagem a Santa, as mulheres se trajavam de baianas e disputavam suas posições no grupo. Ainda segundo as autoras o surgimento das escolas de Samba firmou a participação das consideradas grandes escolas no evento que são elas: Mangueira, Portela, Império Serrano e Salgueiro que lideravam a festa ,cada uma , num dos domingos do mês de outubro.

Esta relação de festa e religião é algo que se faz presente até os dias de hoje, nas agremiações carnavalescas, exemplo disso são as homenagens prestadas aos Santos como: São Jorge Império Serrano, São Sebastião Portela e Mangueira , estas homenagens são seguidas de alvoradas com fogos, café da manhã , missa , procissão ,almoço e muita cerveja no dia dos referidos santos.

Os Quintais e as Comidas

Segundo Monte e Vargens (2000), os quintais de Oswaldo Cruz não têm a mesma conotação dos dicionários, mas sim um espaço de reunião social para as tarefas do dia a dia, como também para momentos lúdicos.

Estes quintais não necessariamente se localizam atrás das casas, são extensões das residências, às vezes de frente, às vezes ao lado, neste mesmo espaço se lava roupa, serve se o almoço se janta, joga-se bola, canta e samba.

Com a gravação do primeiro disco da Velha Guarda da Portela, os componentes passam a ensaiar no quintal do compositor Manacéia, além dos componentes, outras pessoas participavam destes ensaios, como amigos íntimos e vizinhos que ficavam expiando por cima do muro, o encontro era acompanhado de galinha com quiabo feita por Dona Neném. O samba geralmente começava após uma partida de sueca e não tinha hora de acabar, também era servida uma sopa de legumes e de ervilha para dar energia.

Os autores descrevem um episódio muito interessante que aconteceu na casa de Dona Neném, quando o escritor Manuel Rui (angolano) acompanhado de sua mulher, ao chegar ao quintal de Dona Neném em Oswaldo Cruz, para degustar uma galinha com quiabo, se surpreende com sua mulher aos prantos, ao ver aquela reunião, pois segundo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ela, o encontro no fundo do quintal a fez lembrar da casa de seus avós em Luanda. O acontecido levou Manoel Rui a escrever um artigo na Revista Caderno do 3º Mundo, no qual o poeta romancista estabelece o espaço social do quintal lusitano comum a todos os países colonizados por Portugal.

“Foi, especialmente, com o fim do regime escravagista que a comida assumiu grande fator de reunião e resistência.

Libertos, sem lugar para morar, sem qualificação para o trabalho, como poderiam os negros sobreviver?

Restavam os pequenos ofícios e o trabalho ambulante.

...Foi com as negras forras, com seus quitutes de tabuleiro, que começou a se formar uma nova família negra, em torno da qual são criados os filhos...

... Talvez seja por isso que a comida no meio do samba tenha tanta importância, quando preparar e comer assumem contornos ritualísticos, quase sagrados, quando são reverenciados os mais antigos, batizados os mais novos e invocados os ausentes e as divindades - o que, para os sambistas é quase a mesma coisa...”

(VARGENS; MONTE. “Receita de Sucesso”. P -1).

De acordo com Theodoro, Jupiará e Valença (2005) Paulinho da Viola em sua composição musical o Pagode do Vavá descreve uma cena típica carioca onde a comida se faz presente, pois a dinâmica do comer e beber no samba carioca são legados das tradições africanas e vai além de uma necessidade biológica, pois comer e beber no samba e como se o indivíduo renovasse a energia de toda comunidade e reforçasse as memórias individuais e coletivas

No Pagode do Vavá

Composição: Paulinho da Viola



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Domingo, lá na casa do Vavá
Teve um tremendo pagode
Que você não pode imaginar
Provei do famoso feijão da Vicentina
Só quem é da Portela é que sabe
Que a coisa é divina

Tinha gente de todo lugar
No pagode do Vavá

Nego tirava o sapato, ficava à vontade
Comia com a mão
Uma batida gostosa que tinha o nome
De doce ilusão

Vi muita nega bonita
Fazer partideiro ficar esquecido
Mais apesar do ciúme
Nenhuma mulher ficou sem o marido

Um assovio de bala
Cortou o espaço e ninguém machucou
Muito malandro corria
Quando Elton Medeiros chegou

Minha gente não fique apressada
Que não há motivo pra ter correria
Foi um nego que fez 13 pontos
E ficou maluco de tanta alegria

Entrevistas com os componentes da Velha Guarda da Portela

As narrativas dos entrevistados vão nos dá conta de como estes festejos nos quintais de Madureira e Oswaldo Cruz, foram e ainda são importantes para a formação cultural e social dos bairros, assim sendo farei um breve resumo sobre o início e atualidades destes festejos , junto aos integrantes da Velha Guarda da Portela.

Entrevistada Dona Neném, filha de Dona Ana, esposa do Compositor Manacéia e Mãe de Áurea Maria Compositora e Pastora da Velha Guarda Show da Portela.

Dona Neném conta que tudo começou quando sua mãe Dona Ana ficou viúva e saiu do bairro de Botafogo para morar em Oswaldo Cruz em 1931, no período em questão seu filho Lincoln ficou muito triste por ter mudado de bairro e ela para alegrá-lo lhe deu um violão, neste mesmo período Dona Ana começa a se relacionar com um vizinho que tocava cavaquinho e aí começa os festejos onde se comia e bebia à vontade . Neste mesmo quintal Dona Neném filha de Dona Ana Conhece o Compositor Manacéia, e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

futuramente se casam e passam a viver neste espaço, Seu Manacéia passa a receber seus amigos e irmãos, para produzirem samba e cantarem e Dona Neném assume a cozinha e elabora iguarias como: galinha com quiabo, sopa de ervilha e sopa de legumes. Ela conta que certo dia alguém convidou Paulinho da Viola para o aniversário de Manacéia e que a partir do que o cantor observou, promoveu um documentário e propôs ao grupo a criação da Velha Guarda Show da Portela. O quintal de dona Neném até hoje recebe músicos e é espaço de discussão sobre a cultura do samba, tanto que parte do documentário de iniciativa de Marisa Monte de nome O Mistério do Samba é filmado no quintal em questão. Áurea filha de Dona Neném, exclama que tudo que sua avó, pais e tios promoviam neste quintal, tinham um olhar inocente, e que hoje estas iniciativas aos olhos de personagens envolvidos com a cultura da cidade tem um sentido muito diferente da proposta inicial de sua família e de outras dos bairros antes citados.

Entrevista com Zilmar Filha de João Calça Curta ex Presidente da Portela.

Zilmar narra que seu pai só comia peixe na quarta-feira de cinza, e que este hábito foi levando as pessoas se reunirem em seu quintal, em Oswaldo Cruz, pois na época o resultado oficial dos desfiles de Carnaval era na quinta-feira, e todos se reuniam no dia anterior para comentar os desfiles. Ela contou que personagens como o cartunista Lan, Sérgio Cabral (pai do atual Governador do Rio), Haroldo Costa (atual comentarista de Carnaval da TV Globo) e compositores eram figuras presentes todo ano na peixada, onde o pagode não podia faltar, sambistas do Império e Salgueiro, freqüentavam a peixada de seu João e neste momento não havia rivalidade. Segundo ela esta peixada começou em 1954 e terminou em 1970, quando sua mãe faleceu e que a quantidade de peixe neste ano chegou a 120 kg.

Entrevista com Irani amiga do Compositor Argemiro do Patrocínio.

Irani narra que um belo dia o compositor Argemiro e o compositor Monarco na década de 80 resolvem fazer um encontro no quintal de Argemiro, no bairro de Oswaldo Cruz, nas quartas-feiras, após o término da feira, que acontecia na rua da casa de Argemiro. Como não queriam cozinhar convidam Tia Doca, Tia Surica, Irani e Tia Eunice (todas pertencentes à Velha Guarda da Portela). Elas faziam corvina frita, corvina ensopada, quiabo, jiló e outras iguarias o ensaio das composições musicais era regado também a muita bebida. Segundo Irani. Ela contou que Zeca Pagodinho e Cristina Buarque de Holanda eram figuras cativas neste encontro e que Martinho da Vila, Beth Carvalho também passaram por lá, para apreciarem os encontros promovidos pelos compositores Argemiro e Monarco.

Entrevista com Tia Surica, pastora da Velha Guarda da Portela.

Surica narra que os festejos em seu quintal começaram com seu aniversário de 50 anos e que de lá para cá não pararam, pois outras pessoas já comemoram aniversário em seu quintal, que a partir disso a audição do CD Tudo Azul da Velha Guarda da Portela, produzido por Marisa Monte, aconteceu em seu quintal em Madureira, em virtude deste evento as emissoras Globo e CNT produziram programas no período de Carnaval



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

em seu quintal. De acordo com seu relato ministros, políticos e cantores como; Zeca Pagodinho, Dudu Nobre, Marisa Monte, Alcione, Beth Carvalho, Paulinho da Viola e Marquinhos Sathan, por lá passaram para comemorarem seu aniversário e apreciarem audições de CDS de amigos dela , como: Marquinhos de Oswaldo Cruz e Ernesto Pires, estes festejos são acompanhados de muita cerveja e iguarias como feijoada , cozido entre outras. Ela relata que todo ano no primeiro dia do ano os amigos se reúnem com um junta prato (todos levando iguarias) para curtirem uma roda de samba, que no dia da apuração dos desfiles das escolas de samba, também ocorre uma reunião para acompanharem as notas dos jurados pela televisão e neste momento são servidos churrasco , sopa de legumes e muita cerveja para alegria dos sambistas. Surica termina sua entrevista dizendo que promovendo estes encontros ela pretende manter a chama do samba acesa”

Considerações Finais

“As referências das contribuições do negro no espaço acadêmico estão na maioria das vezes, limitas às expressões culturais: o canto, a dança, etc.” Mas aquilo que encontramos através de investigações literárias nos permite seguir os passos destes afro brasileiros até os quintais de Madureira e Oswaldo Cruz, investigando a convivência estabelecida entre grupos através das rodas de samba, podemos sugerir outros tipos de contribuições para as reflexões acadêmicas, para pensarmos as praticas pedagógicas e as relações dos seres humanos. Tais contribuições são percebidas na criação de processos de sociabilidade que promovem relações interraciais, no sentido que estas festas representem esforços materiais e simbólicos na preparação da Cidade para uma convivência intercultural e interracial. Preparar a cidade, e não apenas os não civilizados, os negros e os outros..

Referências Bibliográficas

ARANTES, Érica Bastos. “O Porto negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX”. Dissertação de Mestrado - Departamento de História do Instituto de filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de campinas. Campinas, 2005.

ASLANER, Eminie Nike. “Herança francesa: Missão Artística francesa”.
<http://www.marc.apoio.com.br/documentos/herancafrancesa.doc> acesso em 10 de novembro de 2009, às 21:32h.

ARAÚJO, Hiram. “Memória do Carnaval”. Empresa de Turismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BENCHIMOL, Jaime Larry. “Pereira Passos – Um Hausmann”. Editora Mérito. Rio de Janeiro, 1953.

BOY, Dyonne Chaves. “A Construção do centro de Memória da Serrinha”. Tese de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas; Centro de pesquisa e documentação de História Contemporânea – CPDOC. Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Haroldo. “Na Cadência do Samba”. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – Secretaria de Cultura. Não consta data.

FILÉ, Valter. “O que espanta miséria é festa – Puxando conversa”. Tese de doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

FLORENTINO, Manolo Garcia. “Tráfico, Cativo e Liberdade - Rio de Janeiro, Século XVIII-XIX”. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

FLORENTINO, Manolo Garcia. “Em costas negras”. Cia. das Letras. São Paulo, 1993.

GERSON, Brasil. “As Histórias das Ruas do Rio”. Livraria Brasileira. Rio de Janeiro, 1965.

JUPIARA Aloy; THEODORO Helena; VALENÇA Raquel. “Dossiê das Matrizes do samba do Rio de Janeiro”. 2005. www.cnfcp.gov.br/pdf/patrimonio_material/...Dossie_samba_RJ.pdf Acesso 15 de fevereiro de 2010.

KARASCH, Mary C. “A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 – 1850”. Cia. Das Letras. Rio de Janeiro, 2000.

LIMA, Augusto C. Gonçalves. “Escola Dá Samba?”. Dissertação de Mestrado, PUC - RIO. 2001.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília, 2006.

MONTE, Carlos; VARGENS, João Baptista. “Receita de sucesso” www.portelaweb.com.br/...feijoadashm acesso em 12 de janeiro de 2010 às 17:30h.

ROCHA, Porto. “A era das Demolições”. Prefeitura Municipal do rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1986.

SILVA, Marília Barbosa; SANTOS, Lygia. “Paulo da Portela – Traço de Uniãoentre Duas Culturas”. Fundação Nacional de Arte Rio de Janeiro, 1986.

TRALDI, M. Cristina, DIAS, Reinaldo. “Monografia Passo a Passo” Alínea Editora. São Paulo, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

VARGENS, João Baptista. “Candeia - Luz da Inspiração”. Editora Almadena, 3ª edição. Rio de Janeiro, 2008.

VARGENS, João Baptista. Artigo sobre os quintais de Oswaldo Cruz e Madureira [Veja.abril.com.br/idade/estação/veteranos_samba/livros.html](http://veja.abril.com.br/idade/estação/veteranos_samba/livros.html) acesso 12 novembro 2009 às 23:30h.

VARGENS, João Baptista. “A casa de João Calça Curta”. Jornal Bafafá, Ano 1, nº4. Rio de Janeiro, 2000.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “As Tias baianas tomam conta do pedaço”. Artigo financiado pela Fundação Carlos chagas. São Paulo, 1989. www.casaruibarbosa.gov.br/.../FCRB_monicaveloso_Tias_baianas.pdf acesso 15 de novembro de 2009 às 22:40

VIEIRA, Cláudio. “A História e as histórias das Escolas de Samba - O samba avança para o subúrbio pela linha do trem e o Império surge para abalar a Portela” <http://academiadosamba.com.br/memoriasam> acesso 15 de março de 2010 as 14:30h.